

# Berços de discursos de ódio: palavras que corroem

Maria do Socorro Leão de Sousa BANDINI

*As únicas verdades que vão encontrar aceitação a seus olhos são aquelas que tiverem passado por seu corpo, que tiverem queimado sua carne*<sup>97</sup>.

## *Introdução*

O Brasil de hoje não é o mesmo, desde 15 de março de 1985, quando se deu o fim da ditadura militar. Em apenas seis anos, a partir do golpe político-ideológico e eleitoral, de 2016, vivemos em um país nunca antes imaginado, cujo sistema político cultiva a “banalidade do mal”<sup>98</sup>, nas dimensões política, social, cultural e

97 Francis Jeanson, posfácio à edição francesa, 2015: FANON, Frantz, São Paulo, Ubu Editora, 2020.

98 O conceito de “Banalidade do Mal” foi criado por Hannah Arendt no seu livro “*Eichmann em Jerusalém*” (1963).

humanista; banaliza-se, especialmente, a democracia, banaliza-se a vida e cultua-se a morte. Aqui, lembremo-nos das quase setecentas mil mortes por Covid, das recentes mortes de Marcelo Arruda, tesoureiro do PT, do indigenista Bruno da Cunha de Araújo Pereira, do jornalista britânico Dominic Mark Philips, conhecido como Dom, e de Genivaldo de Jesus Santos, assassinado à luz do dia, nos moldes nazistas, pela Polícia Rodoviária Federal, tragédias minimizadas e naturalizadas por Bolsonaro. Mata-se, em nome de um discurso de ódio, político-partidário e em nome do presidente; tal discurso objetiva tão-somente o poder para desconstruir não apenas a nossa democracia, mas também a identidade do povo brasileiro, para transformar esse povo pacifista em um povo belicoso. Vale lembrar, ainda, a enunciação feita por Bolsonaro, durante um jantar na residência do embaixador brasileiro, em Washington, no dia 17 de março de 2019: “Nós temos é que destruir muita coisa, desfazer muita coisa para depois recomeçarmos a fazer” (STARLING, LAGO e BIGNOTTO 2022, p.12). A meu ver, engana-se quem diz que Bolsonaro não tem projeto de governo; nesse profetismo odioso está o seu projeto de governo, em plena atividade, devidamente performatizado nos enunciados discursivos “destruir”, “desfazer”, projeto de destruição de país e de seu povo, para refazê-los a seu modo. Segundo Austin (1990, p. 24), [...] “proferir [...] sentenças (nas circunstâncias apropriadas, evidentemente) não é descrever o ato que estaria praticando ao dizer o que disse, nem declarar o que estou praticando: é fazê-lo”. Retomando Starling, Lago e Bignotto (2022, p.12),

*O plano de poder de Bolsonaro é inédito e sustenta uma empresa de destruição. É claro que não se trata de pensar que todas as ações do governo e de seus apoiadores são calculadas por um projeto reacional que indica todos os caminhos a serem percorridos. Olhando, no entanto,*

*para o que foi feito até aqui, o observador externo pode ser levado a concluir que o governo sabe o que quer e que a desconstrução tem método. “Dos muitos canteiros de obra onde trabalham as turmas bolsonaristas de demolição”, observou o cineasta João Moreira Salles, “nenhum é mais espetacular do que a Amazônia. Ali se destrói sem pôr nada no lugar, em troca de nada – é o verdadeiro manifesto político do movimento”.*

A propósito do termo **povo**, Butler (2019, p. 9), quando questiona sobre o poder discursivo que delimita “o povo” admite que o povo não é uma população determinada, mas formado pelas linhas de delimitação por nós estabelecidas implícita ou explicitamente. Ela acredita que qualquer interpretação para o termo “o povo” que exclua parte dele não é inclusiva e, por isso, não representativa; acredita, também, que cada indicação para “o povo” que exclui uma pequena parte desse “o povo” não é inclusiva, razão por que não representativa. Ainda, para Butler (idem), cada determinação de “o povo” abraça um ato demarcado e traçado por uma linha, em geral “com base na nacionalidade ou contra o contexto de Estado-Nação, e essa linha se torna imediatamente uma fronteira contenciosa”.

Nessa perspectiva, o atual sistema político-militarizado do Brasil fronteiriza o povo brasileiro, demarcando-o em dois tipos: o povo que deve ser incluído, pelo fato de aceitar esse sistema e, por isso, representativo; o povo que deve ser excluído, por ser opositor a esse sistema, e, por isso, considerado uma ameaça; logo, não representativo aos olhos de tal sistema.

Isso posto, este capítulo discute discursos de ódio, à luz de Judith Butler (2021), e apresenta alguns exemplos de berços de dis-

curso de ódio - berços no sentido de origem - que vêm acalentando esse sentimento negativo, em certas práticas político-ideológicas e sociais presentes na Internet, também chamada mídia digital. Aqui, é pertinente nos reportarmos a Charaudeau (2006, p. 17):

*Abordar as mídias para tentar analisar o discurso de informação não é uma tarefa fácil. É mesmo mais difícil do que abordar o discurso político. Isso porque, enquanto se admite no mundo político, de maneira geral, que o discurso aí manifestado está intimamente ligado ao poder e, por conseguinte, à manipulação, o mundo das mídias tem a pretensão de se definir contra o poder e contra a manipulação. Entretanto, as mídias são utilizadas pelos políticos como meio de manipulação da opinião pública – ainda que o sejam para o bem-estar do cidadão; as mídias são criticadas por constituírem um quarto poder; entretanto, o cidadão aparece com frequência como refém delas, tanto pela maneira como é representado, quanto pelos efeitos passionais provocados, efeitos que se acham muito distantes de qualquer pretensão à informação.*

Noam Chomsky, em *Mídia: propaganda e manipulação política* (2015), aponta algumas dessas práticas de manipulação, das quais emergem discursos de ódio. Jessé Souza, por sua vez, no seu estudo *Como o racismo criou o Brasil* (2021), entende que o discurso racista tem seu berço na colonização escravocrata. Os discursos de ódio que criaram o antipetismo e o antilulismo nascem na “cenografia” (MAINGUENEAU, 2001) política, de 2013, disseminado nos movimentos de rua pelas mídias corporativa e digital, em especial pela rede Globo, bem como pelos blogs de ex-

trema direita, tais como Movimento Brasil Livre - MBL - (<https://mbl.org.com.br/>) Vem pra rua (<https://www.vempraru.net/>) dentre outros, dos quais resultaram a instituição do golpe de 2016 e a construção, por meio de um protagonismo discursivo, das figuras de Sergio Moro, Deltan Dallagnol e Bolsonaro. Esse “protagonismo do discurso carrega uma linguagem “entrevista como discurso, ou seja, como evento multifacetado, vivo, envolvendo sujeitos, poder, consciente, inconsciente e não somente a língua” (BRAIT, p.8. In: MAGALHÃES e KOGAWA, 2019)”. A Análise do Discurso de linha francesa (AD), teoriza este capítulo na abordagem enunciativo-discursiva, sob a ótica de Maingueneau que, em certos momentos, dialoga com Charaudeau. A propósito, na visão dessa corrente teórica, Charaudeau & Maingueneau (2006, p. 196) pontuam que a oposição estabelecida por Guespin (1971, p.10) entre discurso e enunciado exerceu grande influência de modo muito preciso, pelo fato de que

*O enunciado é a sucessão de frases emitidas entre dois brancos semânticos, duas pausas da comunicação; o discurso é o enunciado do ponto de vista do mecanismo discursivo que o condiciona. Assim, olhar o texto sob a perspectiva de sua estruturação “em língua” permite tomá-lo como um enunciado; um estudo linguístico das condições de produção desse texto possibilita considerá-lo um discurso.*

Em Maingueneau (2001, p.56), “o enunciado é a marca verbal do acontecimento que é a enunciação”, não importando a sua extensão: pode tratar-se de algumas palavras ou de um livro inteiro, definição essa universalmente aceita. Apoiando-se na ideia de que o enunciador, com base na enunciação, organiza a situação enunciativa - a cenografia - Maingueneau assevera que:

*[...] a cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala (MAINGUENEAU, 2001, p.87).*

Assim entendida por Maingueneau (2001), a cenografia implica, de forma paradoxal, um enlaçamento enunciativo, posto que, de imediato, a fala sinaliza uma determinada situação de enunciação que vai, de fato, validando-se progressivamente, por meio da própria enunciação. Dessa forma, como uma via de mão dupla, a cenografia é, ao mesmo tempo, a fonte discursiva, o enunciado, e aquilo que o discurso idealiza, a enunciação. Essa via de mão dupla, no palco das enunciações com discursos de ódio idealizados, protagonizados, no Brasil de hoje, inquietava-nos. E, por entendermos que todo projeto investigativo deve nascer de uma inquietação, tematizamos este capítulo com reflexões a respeito de discursos de ódio construídos numa “política performativa” (BUTLER, 2015), e seu desenvolvimento ampara-se na interpretação e compreensão desses discursos, cujo contexto não se encontra simplesmente em torno de um enunciado que reprimiria um sentido, até certo ponto indeterminado, sentido esse que o destinatário necessitaria tão somente especificar, conforme anuncia Maingueneau (2001). Assim, em razão do entranhamento dos discursos de ódio, que hoje presenciemos em certos grupos sociais e, prioritariamente, em razão da degradação que tais discursos provocam, contribuímos com reflexões a esse respeito, esperando<sup>99</sup> que o leitor reveja certos conceitos, alguns, talvez, por ele já preestabelecidos, e que as re-

---

99 Expressão tomada de empréstimo de Paulo Freire, criador do verbo esperarçar. (<https://www.pensador.com>>Paulo Freire. S/data).

flexões propostas o estimulem a construir uma nova mentalidade, uma nova compreensão leitora, indispensáveis para a formação de um pensamento crítico, importante para saber enfrentar e se defender da disseminação enunciativa midiática, que tenta destruir os princípios democráticos, utilizando-se de discursos de ódio.

Alguns exemplos extraídos do Blog O Antagonista e do Twitter, que constituem o *corpus*, analisados à luz da abordagem discursiva da AD, também contribuíram para o desenvolvimento do tema. Maingueneau (2015), quando postula sobre *corpus*, nos transmite que este pode ser constituído por um conjunto, mais ou menos amplo, de textos ou de trechos de textos ou até mesmo por um único texto. Ressaltamos que a nossa preocupação com o atual cenário político-social brasileira justifica a escolha desse *corpus*.

## *O discurso de ódio performatizado*

A palavra ódio, dicionarizada, significa:

1. Aurelio Buarque de Holanda Ferreira (s/data): [Do lat. *odiu*]: Paixão que impele a causar ou desejar mal a alguém; execração; rancor; raiva; ira; aversão a pessoa, atitude, coisa etc; repugnância, antipatia, desprezo, repulsão: *ódio aos desonestos; ódio à violência*.

2. Caldas Aulete (1997): ódio quer dizer ira reservada: inimizade, rancor profundo e duradouro que se sente por outro; sentimento que nos afasta violentamente de alguém, que nos leva a causar-lhe mal ou a desejar-lho [...].

3. Houaiss (2009): raiva, rancor, repugnância, aversão.

Esse quadro nos mostra várias opções de significados da palavra ódio, para melhor compreendermos discursos de ódio. Mas, a despeito disso, podemos afirmar que o conhecimento da linguagem dá conta da compreensão de uma enunciação? Vejamos o que diz Maingueneau (2001, p.20):

*Com efeito, todo ato de enunciação é fundamentalmente assimétrico: a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido, a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciador. Compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes muito diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é um dado preestabelecido e estável.*

Charaudeau (2008, p.7), em comunhão com essas reflexões de Maingueneau, quando pensa e reflete a linguagem, afirma:

*A linguagem é um poder, talvez o primeiro poder do homem. Mas esse poder da linguagem não cai do céu. São os homens que o constroem, que o amoldam através de suas trocas, seus contatos ao longo da história dos povos. Assim, é forçoso considerar que a linguagem é um fenômeno complexo que não se reduz ao simples manejo das regras de gramática e das palavras do dicionário, como tendem a fazer crer a escola e o senso comum.*



Charaudeau (2008) reporta-me a Akeel Bilgrami, prefaciador em Chomsky (2018) que apresenta a tradição que vai de Galileu a Descartes, cuja característica mais essencial da linguagem está mais cristalina em Humboldt, para dizer que a linguagem é essencialmente conferida por um domínio infindo e efetivamente ilimitado, o âmago de tudo aquilo que podemos pensar. Logo, a linguagem “deve criar um emprego infinito por meios finitos, e é capaz de fazê-lo através do poder que produz a identidade da linguagem e do pensamento.”

Chomsky (2018), outro estudioso da linguagem, acredita que cada língua oferece uma série infinita de expressões estruturadas de modo hierárquico que recebem duas interfaces de interpretações: a interface sensório-motora para externalização da linguagem e a interface conceitual-intencional para os processos mentais. Tais elementos constituem a **Propriedade Básica da Linguagem**. Ainda, para Chomsky, ao contrário de Aristóteles, que afirma que a linguagem implica “som com significado”, a linguagem é “significado com o som” e o “significado deve ser compreendido como uma classe plenamente psicológica (eventualmente biológica)”. Chomsky acredita também que a linguagem não está vinculada à comunicação, posto que, se a externalização da linguagem é secundarizada e se o elo entre linguagem e pensamento é essencial, neste caso a comunicação não pode ser parte indispensável para responder à pergunta “O que é a linguagem?” Ademais, Chomsky entende que existem motivos para pensarmos que grande parte “da linguagem ou do pensamento sequer é externalizada”.

Em Butler, *Excitable Speech* (1997), traduzido para o português brasileiro como *Discurso de ódio, uma política do performativo* (2021), o ódio é apresentado como um sentimento que excita o corpo a agir, sustentado pela linguagem, não pelo fato de lhe dar existência ou por alimentá-lo literalmente (2021); ao contrário dis-

so, ao ser interpelada pela linguagem “é que certa existência social do corpo se torna possível” (BUTLER, 2021, p.17) e, ao sermos feridos pelo discurso injurioso perdemos o nosso contexto, não sabemos onde estamos. Acrescenta Butler:

*Ser chamado de forma injuriosa não é apenas abrir-se a um futuro desconhecido, mas desconhecer o tempo e o lugar da injúria, desorientar-se em relação à própria situação como efeito desse discurso. O que se revela no momento dessa ruptura é exatamente a instabilidade do nosso “lugar” na comunidade de falantes; podemos ser “colocadas em nosso lugar” por esse discurso, mas esse lugar pode ser lugar nenhum (BUTLER, 2021 p. 15-16).*

Ainda, para Butler, admitir o nome pelo qual somos chamados *não* implica, simplesmente, sermos submetidos “a uma autoridade preexistente, pois o nome já foi arrancado de seu contexto anterior e entrou em trabalho de autodefinição” (BUTLER, 2021, p. 266-267). Outra autora que também discute discursos de ódio é Carolin Emcke (2017, p.8), escritora espanhola. Ao refletir sobre esse sentimento negativo, a autora diz que não deseja a normalização do novo prazer de se odiar livremente. Ela afirma que:

*El ódio se mueve hacia arriba o hacia abajo, su perspectiva es siempre vertical y se dirige contra “los de ali arriba” o “los de ali abajo”; siempre es la categoría de “lo outro” la que oprime o amenaza lo “propio lo outro” se concibe como la fantasía de un poder supuestamente peligroso o de algo supuestamente inferior.*

Dito isso, em 22 de outubro de 2018, a uma semana do segundo turno das eleições, Bolsonaro dispara, com veemência, todo o seu ódio a seus opositores políticos, fazendo uso de uma linguagem de destruição: “A petralhada vai tudo pra ponta da praia” (<https://www.metropoles.com/2022/16/05>). Em outro momento, também como candidato à presidência, dissemina seu ódio ao dizer: Vamos varrer do mapa esses bandidos vermelhos do Brasil. Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão para a cadeia” (<https://brasil.elpais.com/2018/22/10>). Esse discurso político-ideológico e partidário cumpriu o seu “agir discursivo” (BRONCKART, 2008), a sua performatividade: de acordo com Robson Carvalho, “o assassinato de Marcelo Arruda materializou o discurso de Bolsonaro” ([https://congressoemfoco.uol.com.br/13/07/2022 14:49](https://congressoemfoco.uol.com.br/13/07/2022%2014:49)):

*O discurso, os símbolos, os gestos e atitudes de personalidades públicas têm o poder de influenciar àqueles que se identificam como seus liderados, fãs ou seguidores, que por sua vez, têm à essas figuras públicas como modelos a serem seguidos. Sabe-se que as palavras, mesmo que soltas ao vento, se materializam em atitudes.*

Para os autores Starling, Lago e Bignotto (2022), a expressão **ponta da praia** refere-se a uma gíria usada por militares no período da ditadura para indicar um centro militar, que funcionava de forma clandestina, não apenas para interrogatório de presos políticos, mas também como prática de tortura e local para desaparecimento de cadáveres.

## *É possível crescer sem ódio em um país colonizado pelo ódio?*

Na minha infância, adolescência e início de minha fase adulta, sim, foi-me possível crescer sem conhecer discurso de ódio racista, por exemplo, por conta da cor da pele de alguém, pelo fato de não ter conhecido pessoas negras, razão por que não tive amigas e/ou amigos negros(as); nas escolas onde estudei, também não os(as) conheci. A antecipação da libertação dos escravos, no Estado do Ceará, quatro anos antes da promulgação da Lei Áurea, poderia explicar isso? Quem sabe? Aqui, considero importante ilustrar este trabalho com uma reflexão de Joaquim Nabuco (Apud FUNES 2000, p.108):

*A escravidão é a posse, o domínio, o sequestro de um homem – corpo, inteligência, forças, movimentos, atividades – e só acaba com a morte. Como se há de definir juridicamente o que o senhor pode sobre o escravo, ou que este não pode, contra o senhor? Em regra o senhor pode tudo (grifo de FUNES, Idem).*

A despeito de não ter conhecido o ódio racista contra a pessoa negra, tive, também, minha “negritude”, esta representada na minha pobreza, durante a minha adolescência em Fortaleza e, por conta disso, sofri discriminação, quando estudei em escolas públicas femininas, dessa cidade, escolas essas melhores conceituadas do que as particulares; grande parte das alunas era de famílias ricas, de prestígio social: filhas de empresários, políticos, dentre outras profissões de destaque; algumas delas passavam férias na Europa, Estados Unidos; tocavam piano, acordeão, eram sócias dos melhores clubes da cidade; dessa elite rica originava-se o pre-

conceito que eu sofria por ser pobre: não era escolhida para participar dos grupos de trabalho nem convidada para os aniversários e, sequer, dirigiam-se a mim para dizer algo; quando isso acontecia, era para me chamar de **feia, magrela, raquítica e pobre**. Tal indiferença, em relação ao meu ser, sujeito constituído pelo “protagonismo discursivo” (BRAIT, 2019) presente nessa linguagem para me nomear, era também adotada por alguns dos meus professores, os quais nunca solicitavam a minha participação durante as aulas, tornando-me invisível aos olhos de quase todos. A propósito, Carolin Emcke reflete sobre ser invisível:

*No ser visto ni reconocido, ser invisible para los demás, es la forma de desprecio más esencial. Los invisibles, los que non son percebidos en la sociedade, no pertenecen a ningún “ nosotros “. Sus palabras no se oyen, sus gestos no se ven. Los invisibles no tienen sentimientos, necesidades ni derechos (EMCKE, 2017, Contra el ódio, p.16-17).*

Depois que me mudei para São Paulo, em 1968, conheci o discurso de ódio racista, por conta de minha nordestinidade, no ambiente do trabalho, na universidade e, até, no relacionamento com alguns familiares de meu esposo, que era paulistano.

### *A propaganda política estatal: a democracia manipulada pelo ódio*

Em **Mídia: Propaganda Política e Manipulação (2014)**, Chomsky apresenta duas concepções de democracia: a primeira

considera que uma sociedade democrática dá ao seu povo condições para participar, significativamente, da condução de seus assuntos pessoais: os canais de informação são acessíveis e livres; a segunda concepção entende que ao povo não cabe o direito de conduzir seus assuntos pessoais e os canais de informação devem ser rigidamente controlados. Chomsky nos informa que a primeira operação de Propaganda Governamental aconteceu no governo de Woodrow Wilson, presidente americano eleito, em 1916, na metade da Primeira Guerra Mundial, com a plataforma “Paz sem Vitória”, período em que a população, notadamente pacifista, não via algum que justificasse seu envolvimento numa guerra europeia. O governo Wilson, contudo, desejava tal envolvimento. Para tanto, constituiu uma comissão de propaganda governamental, a Comissão Creel que, em seis meses, conseguiu transformar aquele povo *pacífico* “numa população histérica e belicosa que queria destruir tudo o que fosse alemão, partir os alemães em pedaços, entrar na guerra e salvar o mundo” (Idem). O termo **creel** pode significar uma cesta de vime, usada para segurar peixes, ou uma armadilha de vime para pegar lagostas (<https://educalingo.com>).

Após a guerra, continua Chomsky, as estratégias mentirosas, utilizadas por essa comissão, para mudar a cabeça daquela população pacifista foram, também, utilizadas para fazer surgir o Pânico Vermelho, movimento responsável pela destruição de sindicatos, extinção da liberdade de imprensa, bem como do pensamento político, considerados problemas perigosos. Tal movimento tinha expressivo apoio da mídia e líderes empresariais, de ativistas intelectuais do relacionamento de John Dewey, orgulhosos pela demonstração do que chamavam de “membros mais inteligentes da comunidade”, como eles próprios denominavam-se, capazes de conduzir uma população pacifista, relutante em participar da guerra, por meio do terror e da indução a um fanatismo xenóforo, utilizando-se de grande material estratégico do Ministério da

Propaganda britânico, responsável pelo controle da opinião da maior parte do mundo. Entretanto, o que mais queriam, de fato, era controlar a opinião dos membros mais inteligentes da comunidade norte-americana ao difundir a forjada propaganda política para levar o país pacifista à histeria belicista. Para Chomsky, tal material estratégico teve ótima funcionalidade e deixou um legado (2014, p. 6):

*A propaganda política patrocinada pelo Estado, quando apoiada pelas classes instruídas e quando não existe espaço para contestá-la, pode ter consequências importantes. Foi uma lição aprendida por Hitler e por muitos outros e que tem sido adotada até os dias de hoje.*

## *A “Creel” brasileira*

O cenário político apresentada por Chomsky dialoga com a cenografia política brasileira antes, durante e depois do golpe de 2016. No Brasil, temos a nossa Comissão “Creel”, esta representada pela cumplicidade entre a mídia corporativa, especialmente a Rede Globo, certos políticos, parte do judiciário, bem como entre os poderes: econômico, os donos do dinheiro, e parte omissa do poder intelectual. Essa cumplicidade era e ainda é alimentada por discursos de ódio político-partidário e ideológicos, proferidos contra Dilma Rousseff, Luís Inácio Lula da Silva, PT e, consequentemente, contra grande parte do povo brasileiro, que não comunga com o atual sistema político. Assim como o povo americano, à época de Woodrow Wilson, nós, brasileiros, somos também um povo pacifista. A partir de junho de 2013, contudo, passamos a vivenciar com certa regularidade manifestações de rua, por conta

do ódio espirrado na população pelas mídias, com a finalidade de construir o antipetismo, o antilulismo e, especialmente, retirar o candidato Lula do pleito eleitoral de 2018, objetivo maior. Nesse palco, a “Creel” brasileira já iniciava a “pesca”, tecendo a “cesta-armadilha de vime” para enchê-la com as “lagostas petistas”, isto é, com lulistas. Para tanto, primeiro se fazia necessário tirar o “peixe” mor, Dilma, do poder: estava arquitetado o golpe; segundo, se fazia mais necessário ainda prender o “peixe” mais importante, mas “indigesto”, de todos: Lula.

Em face de sua arrogância político-ideológica e colonizadora, a “Creel” brasileira acreditava que era possível fazer a cabeça do povo brasileiro, por meio de seu discurso jornalístico parcial, odioso, para que acreditasse que Dilma cometeu deslizes fiscais e que Lula era um ladrão, ainda que não houvesse provas comprobatórias para condená-lo. A despeito disso, em 2013, o povo foi às ruas, não para protestar contra Dilma, Lula e o PT, mas para protestar, em primeira mão, contra o aumento das passagens de ônibus, contra aumentos em geral. Oportunizando-se desses movimentos, a Comissão “Creel” brasileira distorceu tudo, destilou seu ódio na multidão, que ocupava a Av. Paulista, em São Paulo, bem como as principais capitais brasileiras, mudando as palavras de ordem e, especialmente, mudando a motivação política dos manifestantes. Em 2013, os enunciados com palavras de ordem eram: “O povo acordou! Vem pra rua, vem, contra o aumento! Saia do sofá e venha protestar! Sem vandalismo! Que legal, o Brasil parou e nem é carnaval! Que coincidência, não tem polícia, não tem violência! Brasil, ‘vamo’ acordar, o professor vale mais que o Neymar!” ([www.uol.com.br](http://www.uol.com.br)> 2013). Temos, ainda: “Se a tarifa não baixar, a cidade vai parar. Copa do mundo. Abro mão. Quero educação. Moradia. Mãos ao alto, o preço da passagem é um assalto! Mobilidade urbana, já!” (<https://www.scielo.br>).



A partir de 2014 a 2018 os enunciados discursivos dos manifestantes clamavam: “Impeachment!” “Fora Dilma!” As palavras de ordem eram também contra o PT e o ex-presidente Lula. Além disso, cantavam: “Lula molusco, pode esperar, o Conserino vai te pegar” (<https://brasil.elpais.com> > Brasil). Ressaltamos que Conserino é o nome do juiz que decretou a prisão preventiva de Lula. Transportavam bonecos de Lula e Dilma vestidos de presidiários e outros bordões: “Vamos derrubar o PT, minha gente! Cada vez mais a Dilma e a corja dela estão se sentindo pressionadas.” (<https://epoca.oglobo.globo.com>).

Nessa cena enunciativa, os manifestantes, em sua maioria, jovens, não estavam, ainda, tão envenenados pelo ódio político-partidário e ideológico e, a despeito de tais manifestações, bem como das incontáveis horas que o Jornal Nacional disponibilizou para atacar Lula, com as imagens de um duto, do qual jorrava o dinheiro da Petrobrás, indevidamente apropriado por Lula, de acordo com a narrativa desse jornal, em outubro de 2014, Dilma foi reeleita presidenta do Brasil. Como é de conhecimento público, em face desse resultado, Aécio Neves, derrotado por Dilma, por uma diferença pouco expressiva de votos, lançou dúvidas sobre a lisura da apuração dos votos e passou a incitar manifestações de apoio à sua suspeita. Aqui, nasce a intenção de derrubada de Dilma, numa cumplicidade entre Aécio, Temer, alguns militares, a mídia corporativa, dentre outros. Entretanto, é pertinente destacar que a disseminação do discurso de ódio, de fato, aconteceu a partir da Lava Jato e continua acontecendo no governo Bolsonaro.

Neste capítulo, o *corpus* é formado por um conjunto de pequenos textos publicados no Twitter e no Blog O Antagonista. De acordo com Maingueneau (2015), textos publicados na Web representam “novas textualidades”. Para ele, a análise do discurso surge, promovendo-se como novidade teórica, a partir dos anos

1960, em um mundo acadêmico ainda organizado “pela dualidade oral/escrito”. No final do século XX, emerge outra novidade, agora não teórica: as novas tecnologias vêm à tona como um novo tipo de textualidade, com novas práticas, determinando a comunicação do universo digital e também modificando de forma profunda as modalidades tradicionais a serviço do discurso. Diz Maingueneau (Idem) que os analistas do discurso, agora, questionam-se sobre a pertinência das categorias que empregam e se elas ainda são como deveriam ser nessa nova “distribuição das cartas em jogo”. Diante disso, o que se evidencia, em primeiro plano, é a imposição de que certa parte, frequentemente em evolução da comunicação, é “multimodal”, ou seja, mobiliza ao mesmo tempo diversos canais (ibidem).

### *O ódio como herança*

Joaquim de Carvalho (2020), jornalista investigativo do canal TV 247, publica no site DCM – Diário do Centro do Mundo, que Mônica Bergamo, colunista da Folha de São Paulo, “garimpou” na internet com dois tuítes, mostrando sinais da causa do “abismo no qual o Brasil foi atirado”. “*É a ignorância, o preconceito e ódio da classe média*”. Os tuítes garimpados apresentam dois vídeos: um elaborado pelo publicitário, Ênio Mainard e outro por seu filho, o jornalista e criador do blog O Antagonista, Diogo Mainard. É pertinente ressaltar que o vídeo de Ênio Mainard foi produzido em 1988, por ocasião do lançamento do documentário “O Brasil Negro”, pela Fundação Padre Anchieta, em comemoração pelo centário da Abolição da Escravatura. Em 2022, esse vídeo é resgatado por algumas redes sociais e por Mônica Bergamo.

## *Transcrições dos discursos de ódio nos vídeos tuitados por Mônica Bergamo*

### *Vídeo 1: O discurso de ódio racista contra o negro*

O texto que se segue, apresenta, na íntegra, o discurso de ódio de Ênio Mainard, no vídeo por ele tuitado:

Eu, pessoalmente, tô falando de mim, eu não colocaria um preto nos meus comerciais, porque eu acho que o preto desvaloriza o produto anunciado. Eu acho que as poucas vezes que o preto apareceu em comercial foi para compor politicamente, e mais, o negro não quer ser negro, né?

Se você anuncia o produto mostrando o negro, eu duvido que ele se veja, ele se vendo retratado, ai que legal! Não sou eu que faço restrição ao negro, é a propaganda que não usa o negro de maneira normal, rotineira.

“Hoje, Ênio deveria ser processado em face desse discurso de ódio, mas, na época, a frase foi recebida com naturalidade”, lamentou Carvalho, que ainda nos informa:

Mônica, que passou grande parte de sua carreira jornalística na Abril, sabe que as revistas da editora, sobretudo Veja, não publicava negro em suas reportagens, muito menos na capa.

“É o racismo que permanece entranhado na sociedade, mas agora de forma nem sempre explícita”, acrescenta Joaquim Carvalho.

Destacamos a enunciação discursiva de Ênio, “eu não colocaria um preto nos meus comerciais, porque eu acho que o preto desvaloriza o produto anunciado”. De acordo com Maingueneau (2010, p.202), na situação de locução existe um sistema de **posições abstratas** sob o qual está circunscrita a atividade enunciativa, cujos enunciados trazem uma multiplicidade de traços, especialmente, os elementos dêiticos, os quais nem sempre coincidem com os **lugares** ocupados na troca verbal, com as “pessoas” no sentido de “papéis” locutivos; nem sempre o dêitico **eu** é o locutor e o dêitico **tu**, por exemplo, é o *alocutário*, complementa Maingueneau (Idem). Na referida “cena de enunciação” (MAINGUENEAU, 2010) de Ênio, contudo, o dêitico **eu**, em “**eu** não colocaria um preto em meus comerciais, porque **eu** acho que **ele** desvaloriza o produto anunciado”, não nos restam dúvidas de que esse **eu** é o próprio locutor, Ênio Mainard, que está no seu lugar de fala de publicitário, patrão, branco privilegiado, colonizador, envenenado pelo ódio racista. Em relação ao alocutário, o dêitico **ele**, implícito na expressão **o preto**, trata-se da pessoa a quem Ênio dirige a sua fala, para quem **ele quer** dirigir a sua fala, para dizer que o alocutário, **o preto**, é um ser inferior, razão por que desvaloriza o produto publicitário anunciado. Para Maingueneau (idem, p. 205), uma situação discursiva, para ser apreendida como cena de enunciação deve ser entendida como uma cena de enunciação “do interior”, por meio da situação que a fala deseja delimitar, o quadro que ela apresenta, na sua forma pragmática “no movimento mesmo do seu desdobramento. Um texto é, na verdade, um rastro de um discurso no qual a fala é encenada”. Aqui, amparados (as) nessas reflexões de Maingueneau, entendemos que a cena de um dêitico é sempre uma cena do dêitico do lugar.

## *Vídeo 2: O legado de pai para filho: o discurso de ódio racista contra o nordestino*

O texto transcrito, na íntegra, apresenta a enunciação de Diogo Mainard, O Antagonista, com discursos de ódio, prática político-social herdada de seu pai:

O Nordeste sempre foi retrógrado, sempre foi governista, sempre foi bovino, sempre foi subalterno, em relação ao poder, durante a ditadura militar, durante o reinado do PFL e agora com o PT. É uma região atrasada, pouco educada, pouco construída que tem grande dificuldade para se modernizar e se modernizar na linguagem. A imprensa livre, a liberdade de imprensa é um valor que vale de metade do Brasil pra baixo e nessa metade do Brasil pra baixo, onde a Dilma é minoria, e uma pequena minoria, eu sou paulista, antes de ser brasileiro, neste momento, são 66% de paulistas que votaram contra ela, é todo um mundo empresarial e a economia inteira, votando contra esse partido.

Quando Mainard enuncia que o “Nordeste é uma região atrasada, [...] que tem grande dificuldade para se modernizar na linguagem”, certamente, refere-se à variação linguística do nordestino, demonstrando desconhecer que a variação linguística de um povo, seja ele nordestino, paulista, carioca etc, constitui um dos seus aspectos culturais. Além disso, os termos **retrógrado** e **região atrasada** implicam um apagamento do enunciador que sabe, mas omite, toda a história da contribuição que o Nordeste deu para a construção não apenas do Brasil, mas também para a formação da identidade cultural brasileira. Ao fazer esse apagamento, Diogo apaga, também, a cena da enunciação, ou seja, o cenário da real representatividade da importância da região do Nordeste, obje-

tivando tão-somente menosprezar, diminuir, inferiorizar o povo nordestino. Dito isto, o que diferencia os discursos de ódio de Ênio Mainard dos discursos de Diogo Mainard, além da temporalidade discursiva, é a cenografia. Deste, a cenografia do apagamento discursivo-intencional; daquele, a cenografia assumida de seu lugar de fala de comunicador publicitário branco, colonizador, posicionado-se como ser superior. No que diz respeito ao termo **bovino**, o dicionarista Aurélio (s/data, p.223) apresenta como significado, além daquilo que é próprio do boi, uma **lentidão bovina**. Ademais, no imaginário social dos brasileiros das partes de “baixo” do Brasil, o nordestino é tido como um povo lento, porque é preguiçoso. Em razão disso, entendemos que a intenção de Diogo Mainard ao enunciar a metáfora **Nordeste-bovino**, termo injurioso, é chamar o nordestino de **preguiçoso** e, além disso, animalizá-lo.

Joaquim Carvalho nos informa, ainda, que Dilma investiu no Nordeste e, por meio de suas práticas político-sociais, com a “transferência de renda via Bolsa Família, fez surgir um crescimento na região a taxas que, na época, se diziam chinesas” (ibidem). Para ele, Diogo Mainard demonstra que os discursos de ódio ou a condição emocional da qual emerge o ódio pode ter caráter hereditário e acrescenta que esse discurso sobre o nordestino mostra que “o ódio é a pior herança deixada pelos capatazes da Casa Grande”.

### *O Antagonista: a mão que “balança” o berço de discursos de ódio*

O Antagonista é o nome do site do jornalista Diogo Mainard, filho de Ênio Mainard, criado em 01 de janeiro de 2015. Eis a essência do Blog O Antagonista:

[...] Desde sua criação, a empresa [O Antagonista] tem-se pautado pela construção social de um conceito de antipetismo junto ao imaginário público. Esse “antipetismo” é amplo e não direcionado apenas ao Partido dos Trabalhadores e seus líderes, mas também a diversas lideranças de movimentos sociais, à esquerda como um todo, ao pensamento progressista e mesmo ao jornalismo e outras instituições quando critica alguma postura dos representantes da direita – em 2018, em especial a Bolsonaro. O portal divulga todo tipo de conteúdo arbitrário de ataques a Lula, Dilma, Haddad, ao PT, aos movimentos como MTST e MST, ao amplo campo que atua em defesa de direitos humanos e sociais. Esses ataques são realizados sem que seja oferecido espaço ao contraditório e à pluralidade de vozes e de pensamentos. A trajetória profissional de seus integrantes remonta ainda à guinada ultraconservadora da revista *Veja*, durante o primeiro governo Lula (André Pasti e Luciano Galas, 26/10/18, *Le Diplomatique Brasil-Google*).

## *O Ódio herdado e bem apreendido*

Diogo Mainardi escreve em sua coluna, na revista *Crusoe* (2021), “A volta da anta”. Diogo diz que a volta de Lula, sua anta, escancara o fracasso do Brasil “em domar seus impulsos mais anímicos, seus arroubos mais bestiais”:

Lula está eleito, segundo o Datafolha. A volta da minha anta, depois de uma breve passagem pela cadeia, escancara meu fracasso. Não se enganem, porém. Nunca pensei em Lula fora do expediente. Eu não tinha interesse especial por ele em 2007, quando publiquei Lula é minha anta e tenho ainda menos interesse pessoal por ele agora, ao me deparar com seu cadáver putrefato. [...] Agora Lula está pronto para voltar: mais velho, mais obsoleto, mais deteriorado, mais emporcalhado. Minha anta está morta, mas ainda caminha. Não adianta capturá-la, porque ela já infectou cada um de nós (o grifo é da autora deste capítulo para destacar as palavras injuriosas do jornalista).

## *Conclusão*

Nunca antes no Brasil, a linguagem esteve tanto a serviço da performatização, como nas incontáveis enunciações discursivas com manifestações de discursos de ódio, proferidas pelos sujeitos-atores do atual cenário brasileiro, nas mais variadas formas de representação: em discursos injuriosos, político-ideológicos, tais sujeitos destilam o veneno do ódio com a real intenção de discriminar, ofender, ameaçar, humilhar, subordinar, exterminar, praticando uma exclusão sociocultural nas seis dimensões cotidianas<sup>100</sup> do

---

100 Amaro, Rogério Roque (In: Bandini, 2011, Tese de doutorado, Universidade de Salamanca-ES).



sujeito social excluído, retirando-o do seu lugar social, do seu lugar de fala, retirando-o do mundo: a exclusão do não-ser, do não-estar, do não-saber, do não-fazer, do não-criar, do não-ter. Assim, neste capítulo, as expressões injuriosas apresentadas, não apenas disseram, mas também agiram, fizeram, à luz de Austin (1990, p. 29): “dizer algo é fazer algo; por dizermos, ou ao dizermos algo estamos fazendo algo”. Dessa forma, tais discursos injuriosos construíram, assim, uma “agência linguística” (BUTLER, 2021), “um agir nos discursos” (BRONCKART, 2008), com a finalidade de um saber-fazer discursos de ódio. Quando se refere ao conceito de “agência linguística”, anuncia Butler (2021, p.21):

*A linguagem é pensada, “principalmente como agência – um ato que tem consequências”; um fazer prolongado, uma performatização com efeitos. Isso é quase uma definição. A linguagem é, afinal, “pensada”, isto é, postulada ou constituída como agência. No entanto, é como agência que ela é pensada; uma substituição figurada torna possível o pensamento da agência da linguagem. Na medida em que essa mesma formulação é produzida na linguagem, a “agência” da linguagem não é apenas o objeto da formulação, e sim a própria ação. Tanto o postulado como a figuração parecem exemplificar a agência em questão.*

De volta a Starlling, Lago e Bignotto (2022, p. 14), a metodologia de Bolsonaro, para executar o seu projeto de destruição, implica o uso de diversas ferramentas, dentre elas a linguagem, que apresenta expressões truculentas em “frases mal articuladas e repertório limitado. (...) O objetivo é a transformação do divergente em inimigo. Mas com um detalhe: é preciso envilecer esse

inimigo”. A propósito, Arthur Hussne (2021, p.42), comunga com as afirmações desses autores:

*O gosto pelo vocabulário chulo, pela humilhação pública dos adversários, pela desumanização dos oponentes, só mostra técnicas de efeito retórico para destilar inverdades que, mesmo que posteriormente desmentidas, têm potencial para enganar um número expressivo de pessoas.*

Diante do que foi exposto, este capítulo não se pretende conclusivo, posto que discursos de ódio continuarão a parasitar nos palcos da cenografia político-partidária brasileira, onde encenam personagens nazifascistas que penhoram a nossa democracia e a identidade do nosso povo, sabidamente trabalhador, alegre, confiante, amante da paz, razão por que convidamos o leitor para o exercício do ato de pensar, o “pensar sem corrimão” (ARENDENT, 2021), para refletir discursos de ódio que, muitas vezes, acalentados anos a fio, corroem as entranhas de muitos seres humanos, dilacerando-os, destruindo suas vidas, roubando-lhes suas existências, de sujeitos participantes. Que você, leitor, encontre o seu ponto de apoio nos “corrimões” que carregam as linguagens do amor, da alteridade, da real democracia e, particularmente, que encontre amparo no “corrimão” que você poderá construir, com base nas reflexões aqui apresentadas, utilizando-se de uma competência discursiva do bem, da integridade. Assim,

*É por meio de um esforço de resgate de si mesmo e de depuração, é por meio de uma tensão permanente da sua liberdade que os seres humanos podem criar as condições ideais para a existência de um mundo humano.*

*Superioridade? Inferioridade?*

*Por que não tentar simplesmente tocar o outro, sentir o outro, revelar-me o outro?*

*Minha liberdade não me foi dada afinal para construir o mundo de você?*

*Ao concluir esta obra, gostaríamos que pudessem sentir como nós a dimensão aberta de toda consciência.*

*Minha prece derradeira:*

*Ó meu corpo, faz sempre de mim um homem que questiona! (Fannon, 2020, p. 242)*

## *Referências*

### *Livros*

- ARENDDT, Hannah. *Origens Do Totalitarismo. Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Companhia de Bolso. E-book, Amazon, s/data.
- ARENDDT, Hannah. *Pensar sem corrimão: Compreender 1953-1975*. Organização e apresentação: Jerome Kohn. Edição Bazar do Tempo, E-book-Amazon, 2021.
- AUSTIN, J.L. *Quando Dizer é Fazer*. Tradução e apresentação à edição brasileira: Prof. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas. Série Discurso Psicanalítico, 1990.
- BUTLER, Judith. *Discurso de Ódio: Uma política do performativo*. São Paulo: Ed. Unesp, 2021.

- BUTLER, Judith. *Corpos em Aliança e a Política das Ruas. Notas Para Uma Teoria Performativa de Assembleia*. Tradução Fernanda Siqueira Miguens; revisão técnica Carla Rodrigues. 4ª. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- BRONCKART, Jean-Paul. *O Agir nos Discurso: das Concepções Teóricas às Concepções dos Trabalhadores*. Tradução Anna Rachel e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008 – (Coleção Ideias sobre Linguagem).
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e Discurso: modos de organização*. Tradução Angela M.S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. Tradução Angela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHOMSKY, Noam. *Mídia: Propaganda Política e Manipulação*. Tradução Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- CHOMSKY, Noam. *Que tipo de criatura somos nós?* Petrópolis/RJ: Editora Vozes Ltda, Edição digital, 2018.
- EMCKE, Carolin. *Contra El Odio*. Traducción de Belén Santana. Taurus Pensamiento - Penguin, Randon House, Grupo Editorial.S/Data (E-book, Amazon).
- FANNON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução Sebastião Nascimento com colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- (HUSSNE, Arthur. In: ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, e-book Amazon, p. 42, 2021).
- MAGALHÃES, Anderson Salvaterra e KOGAWA, João. *Pensadores da Análise do Discurso. Uma Introdução*. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2019.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de Textos de Comunicação*. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da Enunciação*. Organização Sírio Possenti e Maria Cecília Peres de Souza -e- Silva. Tradução Sírio Possenti et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*.

Organização Sírio Possenti e Maria Cecília Peres de Souza -e-Silva. Tradução Adail Sobral [et al]. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do Discurso*. Tradução Sírio Possenti. – 1 ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

HUSSNE, Arthur In: ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*, e-book Amazon, p. 42, 2021).

SOUZA, Jessé. *Como o Racismo Criou o Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

STARLING, Heloisa M. LAGO, Miguel. BIGNOTTO, Newton. *A Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise*. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

## Artigo

FUNES, Eurípedes Antônio. *Negros no Ceará* (In: *Uma Nova História do Ceará*, et al - p. 107-108). Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.

## Dicionários

AULET, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Delta, 5ª. ed. Vol. II, 1987.

CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 2.ed. 2ª. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1ª. ed. 10ª. Impressão, S/Data.

HOUAISS, Antônio. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 3ª. ed. – revista e aumentada, 2009.

## *Tese*

BANDINI, Maria do Socorro Leão de. *A Internet sob a ótica da história vista de baixo: uma teia de significações em pequenos-grandes discursos*. Salamanca/ES - Tese doutoral, 2011.

## *Documentos na internet*

“A petralhada vai tudo pra ponta da praia” Disponível em (<https://www.metropoles.com/2022/16/05>). Acesso em 02/06/2022.

“Vamos varrer do mapa esses bandidos vermelhos do Brasil. [...]” Disponível em (<https://brasil.elpais.com/2018/22/10>). Acesso em 02/06/2022.

“O assassinato de Marcelo Arruda materializou o discurso de Bolsonaro”. Disponível em (<https://congressoemfoco.uol.com.br/13/07/2022/14:49>). Acesso em 15/07/2022.

“Raramente vi um país onde a elite tem tanto desprezo pelos...Disponível em <https://www.brasil247.com/ideias/2021/30/08>. Acesso em 17/07/2022.

Definição e sinônimos de Creel no dicionário inglês - Educalingo. Disponível em (<https://educalingo.com/S/data>). Acesso em 02/06/2022.

“Veja alguns dos bordões usados no protesto em São Paulo. Disponível em (<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/2013/06/18>). Acesso em 13/07/2022.

“Imagens manifestações de rua 2013”. Disponível em (<https://www.scielo.br>). Acesso em 13/07/2013.

“As manifestações de 13 de março em todo o Brasil.” Disponível em (<https://epoca.oglobo.globo.com/noticias/2016/03/03>). Acesso em 13/07/2022.

“Manifestações de rua em São Paulo 2013”. Disponível em ([www.uol.com.br/18/06/2013](http://www.uol.com.br/18/06/2013)). Acesso em 14/07/2022.

“Maior manifestação da democracia brasileira joga Dilma nas cordas”.

Disponível em (<https://brasil.elpais.com/2014/14/03>). Acesso em 14/07/2022.

“É preciso ter esperança, ter... Paulo Freire – Pensador. Disponível em ([https://www.pensador.com/Paulo Freire. S/data](https://www.pensador.com/Paulo-Freire-S/data)). Acesso em 28/07/2022.

“Vídeos: Discurso de Diogo Mainard sobre nordestino mostra... Disponível em (<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/videos.2020/27/10>). Acesso em 05/06/2022.

André Pasti e Luciano Galas. Le Diplomatique-Brasi-Google. Essência do Blog O Antagonista. Disponível em ([www.diplomatique.org.br/2018/26/10](http://www.diplomatique.org.br/2018/26/10)). Acesso em 25/05/2022.

